

Carsten  
Henn



# O PASSEADOR DE LIVROS



# O PASSEADOR DE LIVROS

*Carsten Henn*

Tradução de Kristina Michahelles



Copyright © 2020 Piper Verlag GmbH, München/Berlin.

TÍTULO ORIGINAL  
*Der Buchspazierer*

PREPARAÇÃO  
Bruna Gomes Ribeiro

REVISÃO  
João Sette Camara  
Eduardo Carneiro

DIAGRAMAÇÃO  
Tanara Vieira

DESIGN DE CAPA  
© Patrícia Di Stefano sobre várias imagens da Getty Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Laísa Andrade

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

H442p

Henn, Carsten, 1973-  
O passeador de livros / Carsten Henn ; tradução Kristina Michahelles. -  
1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.  
224 p. ; 21 cm.

Tradução de: Der buchspazierer  
ISBN 978-65-5560-404-7

1. Ficção alemã. I. Michahelles, Kristina. II. Título.

22-78491

CDD: 833

CDU: 82-3(430)

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
Editora Intrínseca Ltda.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar  
22451-041 – Gávea – Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

1ª edição  
NOVEMBRO DE 2022  
impressão  
BARTIRA GRÁFICA  
*papel de miolo*  
PÓLEN NATURAL 80G/M<sup>2</sup>  
*papel de capa*  
CARTÃO SUPREMO ALTA ALVURA 250G/M<sup>2</sup>  
tipografia  
REGISTER®

Para todos os livreiros e livreiras,  
que mesmo em tempos de crise nos  
fornecem um alimento muito especial.

*“Um romance é como o arco  
de um violino, e sua caixa de ressonância  
é a alma do leitor.”*  
(Stendhal)

# Capítulo 1

## *Gente independente*

Dizem que os livros encontram seus leitores, mas às vezes é preciso que alguém lhes indique o caminho. Foi o que aconteceu naquele dia de fim de verão na livraria Ao Portão da Cidade, embora o portão da cidade — ou melhor, os restos dele, que a maioria dos moradores julgava ser uma gigantesca obra de arte — ficasse a uns bons três quarteirões de distância.

A livraria era bastante antiga, um prédio que fora construído e ampliado ao longo de várias épocas. Havia murais com adereços e estuques de gesso, mas também ângulos retos sem qualquer ornamentação. Vestígios lúdicos, de épocas mais antigas, conviviam com uma decoração mais sóbria e moderna, tanto na fachada quanto no interior. Mostradores vermelhos de plástico com DVDs e CDs ficavam junto a estantes de metal com mangás que, por sua vez, ficavam lado a lado com mostruários de vidro lapidado com globos terrestres ou prateleiras elegantes de madeira com livros. Entre os objetos à venda havia ainda jogos, artigos de papelaria, chás e até chocolates. O salão sinuoso era dominado por um balcão escuro e pesado que os funcionários chamavam de “O Altar”. Parecia remontar ao período barroco. No frontispício havia entalhada uma cena campestre com um grupo de caça montado em corcéis magní-

ficos, acompanhados por uma matilha de cães que corria atrás de uma alcateia de javalis.

Naquele lugar, portanto, foi feita a pergunta que justifica a mera razão de ser das livrarias:

— A senhora poderia me recomendar um bom livro?

A pessoa que perguntava era Ursel Schäfer, que tinha uma definição bastante clara do que, segundo ela, caracterizava um bom livro. Em primeiro lugar, era preciso mantê-la entretida de tal modo a deixá-la presa na cama, lendo até as pálpebras pesarem. Segundo, deveria levá-la às lágrimas em pelo menos três trechos; melhor ainda se fossem quatro. Terceiro, um bom livro jamais teria menos do que trezentas páginas e nem mais do que 380. Quarto: a capa em hipótese alguma poderia ser verde. Não se podia confiar em livros de capas verdes. Era uma experiência tenebrosa, pela qual Ursel passara algumas vezes.

— É claro — respondeu Sabine Gruber, gerente da livraria havia três anos. — Qual é o seu gênero preferido?

Ursel nem sequer respondeu. Queria que Sabine soubesse a resposta por ser livreira e porque, por natureza, devia ter certa mentalidade visionária.

— Me diga três conceitos para que eu possa encontrar o livro adequado. Amor? Sul da Inglaterra? Uma história romântica? Algo do tipo?

— O sr. Kollhoff não está aqui hoje? — perguntou Ursel com uma leve inquietação na voz. — Ele sempre sabe o que quero. Sempre sabe o que agrada a todos.

— Infelizmente ele não se encontra, agora só trabalha para nós de vez em quando.

— Ah, que pena.

— Bem, mas tenho algo aqui que talvez lhe agrade. É um romance sobre uma família, ambientado na Cornualha. A imagem na capa é a encantadora propriedade deles, que fica em meio a um parque imenso.

— A capa é verde — disse Ursel, lançando um olhar de reprovação para Sabine. — Verde-escura!

— Porque a trama se passa quase toda dentro do maravilhoso parque do duque de Durnborough. Todas as resenhas falam muito bem desse livro!

Nesse momento, a pesada porta da entrada se abriu, o que fez tilintar o sininho de cobre. Carl fechou o guarda-chuva, sacudiu-o em um gesto automático e o colocou no cesto. Seu olhar passeou pela livraria, chamada por ele de sua “pátria”, à procura de livros recém-chegados, ansiosos para alcançarem seus leitores. Carl via a si mesmo como alguém que coleta conchas na praia. Bastava uma olhada para identificar vários achados apenas esperando para serem libertados dos grãos de areia. Quando viu Ursel Schäfer, no entanto, todas as conchas deixaram de ser importantes. Ela lhe dirigiu um sorriso caloroso, como se Carl fosse um amálgama de todos os personagens adoráveis pelos quais se apaixonara lendo os livros que ele lhe recomendara ao longo dos anos. No entanto, ele não se parecia com nenhum deles. Em outros tempos, até já tivera certa barriguinha, mas ela havia sumido, assim como os cabelos, como se tivessem combinado abandoná-lo ao mesmo tempo. Agora, aos 72 anos, era magro, mas continuava usando as mesmas roupas de antes, que estavam largas. Seu ex-chefe dizia que ele parecia se alimentar só de



palavras, que têm pouquíssimos carboidratos. “Mas muita substância”, Carl costumava retrucar.

Seus sapatos eram sempre pesados e desajeitados. Eram de couro preto grosso e com solas tão firmes que durariam uma vida inteira. E boas meias; Carl dava muito valor às meias. Para completar, um macacão verde-oliva e uma jaqueta da mesma cor.

Carl usava sempre um chapéu desleixado, estilo pescador, com aba curta que protegia os olhos da chuva e do brilho do sol. Jamais o tirava, nem mesmo dentro de casa; somente para dormir. Sem chapéu, sentia-se como se não estivesse completamente vestido. Também nunca ficava sem óculos, uma armação comprada muitas décadas antes em um brechó. As lentes escondiam olhos inteligentes, que davam sinais de muitas horas de leitura em luz muito ruim.

— Senhora Schäfer, muito prazer em revê-la — disse, aproximando-se de Ursel.

Ela, por sua vez, também foi chegando mais perto dele, afastando-se de Sabine.

— Posso recomendar um livro que ficaria muito bem na sua mesinha de cabeceira? — perguntou Carl.

— Adorei o último, principalmente porque, no fim, eles se entreolham. Um beijo teria sido ainda mais adequado para selar o assunto. Mas, nesse caso, me dou por satisfeita com um olhar.

— E esse olhar foi quase mais intenso do que um beijo. Esses olhares existem.

— Não quando sou eu quem beija — disse Ursel, achando-se maravilhosamente lasciva, o que era raro acontecer com ela.

— Este livro está à sua espera desde que chegou da editora. A história se passa na região da Provença e cada palavra recende a lavanda — disse Carl, puxando o volume do meio da pilha ao lado da caixa.

— Livros com a capa bordô são os melhores! Esse termina com um beijo?

— E você acha mesmo que eu vou contar?

— Jamais.

Ela lhe lançou um olhar acusador, mas mesmo assim pegou o livro das mãos de Carl.

É claro que ele jamais lhe recomendaria um romance sem final feliz. No entanto, ele não poderia deixar de provocar Ursel, deixando-a com uma pequena dúvida sobre se dessa vez, quem sabe, não seria diferente.

— Fico tão feliz que os livros existam! — disse ela. — Espero que isso não mude nunca. As coisas mudam tanto, tão rapidamente. Hoje em dia todo mundo só paga com cartão. Quando começo a catar minhas moedinhas para ajudar no troco, já me olham atravessado.

— A palavra escrita nunca vai acabar, sra. Schäfer. Existem coisas que simplesmente não dá para expressar de outro jeito. E o livro impresso ainda é a melhor maneira de preservar pensamentos e histórias. Os livros perduram por séculos e séculos.

Carl se despediu com um sorriso caloroso e passou por uma porta coberta de cartazes para um espaço que era meio escritório, meio almoxarifado. A mesa de trabalho estava coberta de livros; a tela do computador, coberta de *post-its* amarelos. Na parede, um calendário anual cheio de anotações em vermelho.

Como sempre, seus livros estavam numa caixa preta de plástico no canto mais escuro da sala. Antes, a caixa ficava na escrivaninha, mas, depois que Sabine assumira a livraria do pai, a caixa se movimentava todos os dias um pouco mais em direção ao canto mais inacessível. Ao mesmo tempo, também ia perdendo conteúdo. Não havia mais tanta gente para quem Carl levava livros. Menos pessoas a cada ano.

— Olá, sr. Kollhoff! O que achou do jogo? Nunca na vida aquilo poderia ter sido um pênalti. Estou chateado com aquele árbitro.

Leon, o novo estagiário, saiu do pequeno banheiro para funcionários trazendo consigo fumaça de cigarro. Qualquer outra pessoa sabia que não faria o menor sentido dirigir uma pergunta como aquela a Carl, que não assistia ao noticiário, não escutava rádio e não lia jornal. Ele próprio admitia que não era deste mundo. Fora uma decisão consciente, tomada ao perceber que a enxurrada de notícias — políticos incompetentes, o derretimento das calotas polares, o sofrimento dos refugiados — lhe causava mais tristeza do que o mais complexo drama familiar na ficção; era uma espécie de autoproteção, ainda que encolhesse muito seu mundo. Atualmente, esse mundo media apenas dois quilômetros quadrados, que ele percorria a pé todos os dias.

— Você conhece o maravilhoso livro sobre futebol de J. L. Carr? — perguntou Carl, em vez de entrar na questão da arbitragem.

— É sobre o nosso time?

— Não, é sobre um chamado Steeple Sinderby Wanderers.

— Não conheço. De qualquer forma, livros não são a minha praia. Só leio quando sou obrigado, na escola. E, mesmo assim, sempre que posso, prefiro ver o filme — disse Leon,

rindo, como se achasse graça do fato de enganar os professores, quando, na verdade, estava enganando a si mesmo.

— Então por que você resolveu estagiar aqui?

— Minha irmã estagiou aqui três anos atrás. Moramos aqui perto, o caminho é curto.

Ele omitiu o fato de que todos os alunos que não encontravam estágio eram obrigados a passar dois anos trabalhando com o zelador da escola. Este aproveitava para se vingar de todas as paredes rabiscadas, dos chicletes colados sob as carteiras e dos restos de sanduíches nos canteiros e impunha tarefas humilhantes aos estagiários.

— E a sua irmã lê?

— Depois do estágio aqui, sim, mas esse risco certamente eu não corro.

Carl sorriu. Ele conhecia o motivo pelo qual a irmã de Leon começara a ler. Seu ex-chefe, Gustav Gruber, que agora vivia no asilo Münsterblick, sabia bem como lidar com jovens avessos a livros, como Leon e sua irmã. Mandava que limpassem com um pano cada um dos cartões de felicitação embrulhados em plástico. Isso entediava os estagiários a tal ponto que, no desespero, acabavam pegando o livro mais próximo, estrategicamente deixado em algum lugar perto deles. Dessa forma, convertera todos. Gustav tinha jeito até com crianças, que, para Carl, eram seres estranhos. Sempre tivera essa impressão, desde quando ele mesmo era criança. E quanto mais distante a própria infância se tornava, mais estranha a infância em si lhe parecia.

Na época, o velho Gruber atraía a irmã de Leon com um romance em que uma menina se apaixona por um vampiro. Para

Leon, obviamente no meio da puberdade, ele com certeza teria deixado um livro com uma linda jovem na capa e com bastante espaçamento entre as linhas. O velho Gruber costumava dizer o seguinte: o importante é ler, não importa o conteúdo. Carl não concordava totalmente com isso, pois alguns pensamentos contidos entre capa e contracapa podem ser um veneno, embora seja muito mais frequente o papel conter a cura — às vezes, para certas coisas que nem imaginamos que precisam ser curadas.

Carl pegou cuidadosamente a caixa preta de plástico do canto. Dessa vez, só havia três livros, que pareciam estar perdidos ali dentro. Em seguida, buscou papel pardo e barbante para embrulhar um por um, como se fossem presentes. Sabine lhe pedira várias vezes que parasse com aquilo, a fim de economizar, mas Carl insistia, dizendo que seus clientes esperavam aquele gesto. Sem se dar conta, ele acariciava cada livro antes de embrulhá-lo com o papel grosso.

Feito isso, pegou sua mochila verde-oliva do Exército, velha e surrada, mas ainda em bom estado, graças aos cuidados que ele lhe dedicava. Estava vazia, mas as dobras do pano deixavam entrever que aquela não era sua forma natural. Com delicadeza, deslizou os livros para dentro da mochila, forrada com um cobertor de lã macio, como se fossem filhotinhos de cachorro. Arrumou os três livros de modo que o maior ficou rente às suas costas e os menores, por cima, para não serem amassados ao longo do trajeto.

Antes de sair, pensou e se virou para Leon.

— Por favor, dê uma limpeza nos cartões, sim? A sra. Gruber vai gostar. Traga-os aqui para a mesa, para poder fazer tudo com mais calma. Era assim que eu fazia.

Com um movimento rápido, Carl colocou sobre a mesa um exemplar de *Febre de bola*, de Nick Hornby, que acabara de avistar numa prateleira. A capa mostrava um campo de futebol sedutoramente verde, razão pela qual Ursel jamais o escolheria.

Carl costumava dizer que fazia uma ronda. Essa ronda, na verdade, era um trajeto quadrado que cruzava o Centro da cidade, sem ângulo reto e sem simetria. As fronteiras de seu universo eram marcadas pelos restos das muralhas da cidade, que eram como tocos de dentes de um ancião. Fazia 34 anos que não saía daquele universo, pois ali havia tudo de que precisava para viver.

Carl costumava caminhar muito, e pensava muito durante essas caminhadas. Às vezes, tinha a impressão de que só conseguia pensar direito dessa forma, como se pisar nos paralelepípedos estimulasse sua mente.

Era difícil notar para quem passava pelo Centro, mas todos os pombos e pardais sabiam que a cidade era redonda. As casas e os becos antigos davam para a catedral, que se erguia no Centro, imponente. Se fosse parte da maquete de um trenzinho de brinquedo, a catedral pareceria ter sido construída em uma escala errada. Fora erguida num breve período de prosperidade da cidade — tão breve que chegara ao fim antes do término da construção da torre.

As casas rodeavam respeitosamente a construção. Algumas das mais antigas até inclinavam levemente as frentes. Mantinham-se, contudo, distantes do portão principal, dando forma à maior e mais bela praça da cidade, a praça da Catedral.

Carl chegou à praça e logo voltou a ter aquela sensação de ser vigiado, como um cervo em uma clareira, indefeso, exposto aos

olhares e aos canos da espingarda de um caçador. A ideia o fez sorrir, porque ele nunca se sentia como um cervo.

O cheiro da cidade era mais intenso na praça. O local fora sitiado no século XVII, e reza a lenda que um padeiro inventara a roda polvilhada — um doce em forma de roda com raios, recheado com creme de chocolate e polvilhado com açúcar de confeitiro —, que ofereceu aos invasores para informá-los sobre o desejo dos habitantes de que fossem embora. Na verdade, o confeito altamente calórico só seria inventado duzentos anos depois, mas a lenda continuava a ser difundida, e os visitantes da cidade gostavam de acreditar nela.

Os passos de Carl o guiavam sempre pelos mesmos paralelepípedos da praça da Catedral, de forma lenta e regular. Se alguém atravessasse seu caminho, ele esperava e depois acelerava o passo, para recuperar o tempo perdido. Desenhara o trajeto cruzando a praça de maneira que pudesse fazê-lo sem maiores empecilhos, mesmo em dias de feira. Além disso, tentava passar o mais longe possível das quatro confeitarias com suas rodas polvilhadas, porque não suportava mais o cheiro quente e gorduroso do doce.

Dobrou a rua Beethoven, que, honestamente, não passava de uma viela que não fazia jus ao grande compositor. Um funcionário da Secretaria de Planejamento se apressara em batizar várias ruas com o nome de diversos compositores famosos, e dera à maior delas o nome de seu preferido, Schubert.

Carl não sabia, mas naquele momento estava bem no centro do seu universo particular, delimitado de dois lados pelas linhas de bonde 18 e 57 (embora a cidade só tivesse sete linhas de bonde, a numeração a fazia parecer uma metrópole), do terceiro,

por uma estrada de alta velocidade que ia rumo ao norte e, do quarto, pelo rio, que durante quase o ano inteiro se contentava em correr de forma pitoresca, insistindo em encher só durante alguns dias da primavera. Era como um jovem leão que, apesar de ainda não ter cordas vocais bem desenvolvidas, rugia de vez em quando.

Seu primeiro desvio o levou até a casa de Christian von Hohenesch, na alameda Saliergasse. A mansão de pedras escuras era ligeiramente recuada, e o passante casual nem notava como era imponente. Parecia um cisne-negro agachado, esperando o momento de abrir suas asas esplêndidas. Atrás havia um parque retangular, ladeado por carvalhos gigantescos, e em seus três bancos podia-se desfrutar de raios de sol sobre as páginas de um livro a qualquer hora do dia.

Carl sabia que o homem era dono de uma grande fortuna, mas não que era o mais rico da cidade. Ninguém sabia, nem o próprio Von Hohenesch, que jamais se comparava a outras pessoas. Sua família fizera fortuna havia várias gerações com um curtume à margem do rio, e ele conseguira evitar perdê-lo no curso do processo de industrialização. Por isso, Christian von Hohenesch não precisava trabalhar. Suas ações e letras de câmbio trabalhavam por ele, que se limitava a instruir os administradores de sua fortuna. Todos os dias uma governanta preparava as refeições e limpava os poucos cômodos em uso; uma vez por semana, vinha o jardineiro, para que a luz do sol continuasse encontrando seu caminho até as páginas dos livros; uma vez por mês, vinha o serviço de manutenção. E todos os dias, de segunda a sexta, vinha Carl com um novo livro, que Christian



von Hohenesch costumava terminar de ler no dia seguinte. Carl sabia que fazia uma eternidade que Von Hohenesch não deixava as fronteiras de seu reino.

Usando um bastão de cobre, Carl tocou o sino que fazia soar um badalo grave no interior da mansão. Como sempre, demorou um bom tempo para que o dono da casa percorresse o corredor longo e escuro até a porta pesada de madeira que rangia. Como sempre, abriu só uma fresta. Christian von Hohenesch jamais colocava os pés na rua. Era um homem bronzado e bem-ape-soado, alto, com as maçãs do rosto pronunciadas e um queixo marcante — e uma tristeza que o envolvia inteiro como um pó de arroz cinza. Como de costume, trajava um paletó azul-escuro com uma orquídea natural na lapela, e seus sapatos de couro preto brilhavam como se ele estivesse pronto para ir à ópera. Von Hohenesch era bem mais jovem do que faziam supor seus trajes, tinha apenas 37 anos. No entanto, desde muito novo só usava ternos, algo que, para ele, era tão natural quanto vestir calça jeans é para outras pessoas.

— Senhor Kollhoff, está atrasado. O combinado era sete e quinze — disse ele, em vez de cumprimentá-lo.

Carl inclinou a cabeça com naturalidade, retirou cuidadosamente da mochila o livro encomendado e ajustou o laço da alça de barbante que se deslocara levemente durante o trajeto.

— Aqui está o livro.

— Espero que tenha acertado.

Von Hohenesch pegou o livro, mas sem tirá-lo do embrulho. Era um romance sobre a formação de Alexandre, o Grande, com Aristóteles. Von Hohenesch só lia obras filosóficas.

Ele estendeu a gorjeta a Carl. Era proporcional ao peso do livro, informação que ele pesquisara de antemão.

— Da próxima vez, seja mais pontual. A pontualidade é a educação dos reis.

— Uma ótima tarde para o senhor. Até mais.

— Para você também.

Christian von Hohenesch fechou a porta pesada. No mesmo instante, a mansão pareceu ficar sem vida. Antigamente, ele teria adorado trocar opiniões sobre livros e escritores com Carl, a quem prezava como um homem erudito e de boas maneiras. Com o tempo, porém, perdera a capacidade de formular convites. As palavras deviam estar perdidas em algum lugar naquela casa de incontáveis cômodos.

Carl despedira-se de Christian von Hohenesch, mas deixara outra pessoa para trás, pois a verdade é que via reflexos da literatura no mundo real. Para ele, a cidade era povoada por personagens dos livros, mesmo que vivessem em outras épocas ou em países muito distantes. Desde a primeira vez que Christian von Hohenesch abrira a pesada porta de sua mansão, Carl se vira diante de um homem que poderia ter saído diretamente das páginas do grandioso *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen. Carl acabava, portanto, de deixar a mansão Pemberley, em Derbyshire, em pleno século XVIII, aos cuidados de seu dono, Fitzwilliam Darcy, um cavalheiro rico e inteligente que, apesar dos modos impecáveis, muitas vezes parecia um pouco arrogante e frio.

A razão dessa mania era que Carl tinha dificuldade em memorizar nomes, a não ser que fossem de personagens. Sempre

fora assim, desde a época da escola. Enquanto os colegas atribuíam apelidos pouco lisonjeiros aos professores — Escova de Latrina, Príncipe Morfina ou O Cuspidor —, Carl os batizava de Ulisses, Tristão ou Gulliver. Ao contrário dos colegas, não abandonara a mania após a escola. Assim, o punk de roupas batidas que costumava encontrar em seu trajeto para a livraria se tornou o bom soldado Svejik e a vendedora de frutas, de quem comprava suas maçãs, a Rainha de *Branca de Neve*. Felizmente, a vendedora não costumava envenenar suas frutas. Em algum momento, Carl notou que a cidade estava repleta dessas correspondências literárias e que seria possível encontrar uma para cada habitante. Foi assim que, ao longo dos anos, conheceu Sherlock Holmes, diretor do Departamento de Criminologia local; e até mesmo Lady Chatterley, que costumava abrir a porta usando apenas um quimono transparente, para quem Carl olhava com olhos compridos quando era mais jovem. Depois de um tempo, Lady Chatterley deixou a cidade com Adso de Melk. Havia o Capitão Ahab, obcecado com uma toupeira enorme que não conseguira retirar de seu jardim. Carl também levava livros sobre a América do Sul para Walter Faber, um engenheiro gravemente doente, até seus últimos dias. Já o Conde de Montecristo vivia em uma casa de janelas gradeadas, uma antiga prisão que, de um jeito estranho, mantinha também seu novo morador aprisionado.

Quase sempre Carl se lembrava primeiro do nome literário, como se sua memória tentasse protegê-lo de lidar com assuntos mundanos. A partir do momento em que se decidia por algum apelido, nem sequer se lembrava do nome verdadeiro de um cliente. Somente em situações muito especiais sua mente se

apiedava e lhe oferecia essa informação. No caminho entre retina e cérebro, as letras que formavam Christian von Hohenesch, como que por mágica, e sem que ele se desse conta, se transformavam em Mister Darcy.

Em todo caso, naquele tempo já não havia mais necessidade de se lembrar de muitas coisas.

O caminho de Carl pelas vielas sinuosas o guiou até uma figura literária cujo destino era muito mais sombrio do que o de um jovem inglês bem casado.

A cliente esperava atrás da porta, espiando através do olho mágico a rua com poucos transeuntes. Ninguém passeava admirando os prédios, pois as construções bonitas ficavam a algumas quadras de distância. Naquela parte do Centro, as empenas das casas pareciam se fechar para não deixar passar a luz do dia, e as pessoas apertavam o passo, incapazes de suportar a estreiteza opressora das ruas.

A delicada jovem atrás do olho mágico já sabia o horário em que Carl Kollhoff passaria. Também sabia que era bobagem ficar espiando pelo olho mágico em vez de esperar na sala até a campainha tocar, mas não conseguia evitar. Andrea Cremmen ajeitou uma mecha loura atrás da orelha e alisou o vestido. Desde o jardim de infância, sempre fora a mais bonita, o que lhe rendera afetos, a tornara alvo de muito ciúme e a fizera ingressar em um casamento precoce com um bem-sucedido empresário do ramo de seguros. Matthias fazia muitas horas extras e trabalhava até nos fins de semana para garantir o bem-estar da família. Andrea era formada em enfermagem, mas trabalhava como recepcionista em um pequeno consultório, onde sua beleza deveria

alegrar e acalmar os pacientes. Ninguém nunca lhe pedira que sorrisse, mas Andrea sorria porque era algo que fazia parte de sua condição de beldade. Mulheres bonitas que não sorriem podem ser vistas como arrogantes; por isso, ela passava o dia inteiro sorrindo.

Andrea nunca tivera coragem de não parecer perfeita; caso contrário, o que aconteceria? O que os outros veriam nela? O que restaria dela? Carl parecia ser uma pessoa a quem ela poderia se mostrar sem sorrir; ele escolheria as palavras certas para descrever o que via diante si. Andrea achava que ele escolhia as palavras como um perfumista, selecionando ingredientes para uma mistura cara. Sem sorrir, ela soltou a mecha de trás da orelha, deixando o cabelo ficar um pouco bagunçado, mas, ao notar Carl vindo pela viela, voltou a ajeitá-la.

Ele tocou a campainha e esperou. Andrea costumava demorar e atendia ofegante, embora sempre sorrindo.

Carl escutou o barulho da chave virando na fechadura, e a porta se abriu.

— Senhor Kollhoff, chegou cedo, não o esperava a essa hora! Devo estar com uma aparência horrível.

Ela passou os dedos pelo penteado impecável, que combinava perfeitamente com o vestido elegante estampado de rosas vermelhas.

Carl achava Andrea encantadora, mas sua beleza também o deixava um pouco triste. Havia algo nela que não conseguia captar, algo que tinha a ver com o objeto que ele logo tirou da mochila: um dos livros que Andrea Cremen tanto amava. O volume tinha um peso adequado (ele gostava quando tinham o

peso apropriado, nem tão leves quanto uma barra de chocolate nem tão pesados quanto um litro de leite). Mas a Andrea preocupava o peso de seu teor.

— É bom? — perguntou ela, ajeitando o laço do embrulho.

— Pelo que sei, *A rosa negra* está no mesmo nível de qualidade das outras obras da autora.

— Bem dramático?

Foi a vez de Carl sorrir. Havia um entendimento tácito entre ambos: os livros escolhidos deveriam ser sempre dramáticos e terminar em tragédia. No passado, ele recomendara alguns livros com final feliz, mas Andrea não gostou, julgava-os distantes demais da realidade.

Em contrapartida, ela adorava romances em que a protagonista sofria e morria no final, ou então ficava só e infeliz. Finais em aberto só eram aceitáveis se tivessem um propósito.

— Como sempre, não vou contar nada — disse Carl. — O que achou do último?

Andrea respirou fundo e meneou a cabeça.

— Muito triste. Ela se afoga no final... Por que o senhor não me avisou? — perguntou ela, fazendo beicinho.

— Eu não podia fazer isso.

Antigamente, Carl tinha o hábito de embrulhar os livros com um papel colorido e alegre, mas havia parado porque isso não lhe parecia genuíno.

— Poderia me trazer outro na semana que vem? Acabei de saber de um romance em que é noite o tempo todo, porque se passa no inverno da Groenlândia. E a protagonista perde o filho. Conhece? Achei interessante.

Carl conhecia, mas não imaginou que Andrea pudesse ter ficado sabendo dele.

— Eu trago para você — disse ele, sem dizer que o faria com prazer, visto que seria mentira.

— Poderia me recomendar outro?

— Saiu um romance policial novo ambientado em nossa cidade. Ainda não li, mas dizem que é bem divertido.

Andrea fez um gesto, declinando.

— E acha que eu vou gostar?

Por questão de princípios, Carl jamais mentia. Quando se coloca uma mentira no mundo é difícil resgatá-la.

— Não.

— Bem, também acho.

— Mas talvez a fizesse dar boas risadas. E, perdoe o meu comentário, você é dona de uma bela risada. Sem dúvida conhece a frase atribuída a Charlie Chaplin de que “um dia sem rir é um dia perdido”, certo? Temos poucos dias no mundo, não podemos nos dar ao luxo de desperdiçar nenhum.

Carl nunca dissera nada parecido a Andrea. Será que a tristeza que percebeu nela aquele dia era maior do que de costume? Ele não sabia dizer. Às vezes, sua boca dizia coisas que a cabeça não ordenara.

O sorriso de Andrea desapareceu. Em vez disso, seu lábio inferior tremeu um pouco.

— Você acabou de salvar meu dia. Obrigada!

Em seguida, ela fechou a porta.

Para Carl, não fora Andrea Cremen quem fechara a porta, mas a jovem e triste Effi Briest, que se casara muito cedo e cujo destino trágico era igual ao de tantas mulheres sobre as quais An-

drea lia. Carl queria muito fazer mais por ela do que apenas levar livros que provavam o sofrimento de tantas outras mulheres, mas que não explicavam como acabar com essa dor.

Atrás da porta, Andrea reprimiu as lágrimas. Adoraria ter contado para ele o que acontecera. Isso, porém, significaria reviver tudo, coisa que ela não queria. Com as mãos trêmulas, desembrolhou o livro e começou a ler ainda no corredor.

Logo na primeira página, alguém comete suicídio.

Carl havia avançado pouco quando escutou um miado fininho. Avistou o gato magro de três patas, pelo falhado e orelhas carcomidas. Impossível saber se era macho ou fêmea, ou se tinha dono. Mas Carl sabia que eram bons amigos. Enquanto algumas pessoas tinham animais puramente domésticos, ele tinha uma companhia para passear.

— Oi, Canino — disse ele, e sorriu.

Carl dera esse nome a ele porque o gato se comportava como um cachorro: ia atrás dele, farejava tudo e marcava o território. Canino não miava, mas soltava uma espécie de rosnado. Enquanto Carl atendia os clientes, Canino não se sentava: ficava deitado no chão ou em qualquer outro lugar, mesmo no corrimão mais estreito.

Canino se esfregou na perna de Carl e logo saiu em disparada, olhando para ele com impaciência. Esperto, o bicho parecia saber que na terceira entrega de livro do dia poderia haver comida. A quatro quadras da fonte Elisenbrunnen morava uma senhora idosa que era o oposto de Effi Briest: animada, alegre, sempre em roupas coloridas. Costumava usar meias ou pés de sapato descombinados, ou às vezes uma alça do macacão pendendo do ombro.



Seu apartamento continha um amontoado de objetos, e vales e abismos corriam em meio a eles. A velha lembrava a Carl a protagonista de um livro infantil, uma garotinha meio doida que vivia como queria e assim ia construindo um mundo a seu modo. Mas a velha jamais ia à rua. Tinha medo de espaços abertos.

Pouco mais de sete anos antes, ela passava um dia de verão esplendoroso com o marido no jardim, à sombra de uma nogueira, quando o tempo virou, trazendo vento e uma forte tempestade. O casal já estava dentro de casa quando reparou que haviam esquecido as latas de lixo na rua, o que era sempre alvo de reclamações dos vizinhos. Por isso, apesar das tentativas de demovê-lo, o marido enfrentou a tempestade. “Vai ser rapidinho, volto em um segundo”, dissera ele. “Que mal pode acontecer?” Transformada em projétil pelo vento, a telha se desprendera do telhado e, desprotegida, a cabeça do marido fora o alvo.

Desde aquele dia, a velha não se importava mais com o que os vizinhos pensavam. E também nunca mais colocara os pés para fora de casa.

Quando abria a porta, nunca dizia “Boa tarde, sr. Kollhoff”, “Olá” ou “Prazer em vê-lo”. Em vez disso, dizia coisas como: “Era um negociante de carros ‘abusados.’” Dessa vez, quando Carl tocou a campainha, ela o recebeu com um largo sorriso e o termo “*autossapolência*”, e cabia a ele, então, encontrar uma definição crível para tal.

— *Autossapolência* é o caminho da descoberta do núcleo do próprio ser. O conceito se refere ao conto de fadas “O rei Sapo ou Henrique de Ferro”, dos irmãos Grimm, e contém a hipótese de que cada um tem dentro de si um sapo que pode se transfor-

mar em príncipe por meio do amor. No conto, essa transformação se dá com um beijo. O termo foi cunhado em 1923, no ensaio de Freud “O Eu e o Id e o Sapo”.

Como prêmio, a sra. Píppi Meialonga deu ao visitante uma bala de cereja (quando a explicação do enigma não era tão boa, a bala era de limão). Em contrapartida, Carl entregou o livro encomendado envolto no papel de embrulho em que ele sempre pintava uma grande flor amarela. Píppi Meialonga gostava de ler tudo, de aventuras clássicas a ficção científica, passando por comédias. Sempre literatura leve, nada que a trouxesse de volta à dura realidade.

— Depois de amanhã terei um novo enigma — disse ela, antes de fechar a porta. — Um osso bem duro de roer.

Em seguida, abaixou-se para fazer carinho em Canino e tirou do bolso da calça alguma coisa que o bichano devorou de uma vez só.

Embora a mochila de Carl estivesse vazia, ainda faltava uma visita, uma que ele adorava fazer, pois o cliente em questão era dono da voz de barítono mais calorosa que Carl jamais escutara. Se fosse possível usar uma voz para estofar um sofá, teria de ser aquela. Para Carl, ele era *O Leitor*. Bem de acordo com o livro de Bernhard Schlink — no qual o jovem Michael Berg se apaixona por uma mulher vinte anos mais velha ao ler para ela em voz alta —, o barítono lia para as operárias de uma fábrica de charutos.

Fundada havia alguns anos, a fábrica era a única em todo o país. A empresa investira em uma pessoa que lia livros durante o expediente, tal como se faz em Cuba. Óbvio que era um truque de marketing e *O Leitor* não era bem remunerado. No entanto, ele gostava tanto do trabalho que vivia com um xale no pescoço para manter aquecidas as cordas vocais. Falava pouco quando

estava fora da fábrica, para poupar a voz. Por isso, Carl recebera com surpresa a ligação para seu número particular: O Leitor lhe pedia que trouxesse pastilhas para a garganta que só eram vendidas na farmácia ao lado da livraria. Ele próprio, O Leitor, não queria ir à rua, pois ocorria um surto de gripe na cidade. Provavelmente foi por esta razão que só abriu uma fresta da porta quando Carl chegou. Com um sorriso de gratidão, ele pegou as pastilhas e deu a Carl o dinheiro, junto com uma generosa gorjeta (que o livreiro não quis aceitar, sabendo da condição financeira do cliente). O Leitor então tirou uma pastilha da latinha e logo voltou a fechar a porta de seu apartamento alugado, localizado no sótão de um austero edifício residencial. Sua construção prescindira de tudo o que pudesse conferir um pouco de beleza ou encanto a um prédio. Era um edifício utilitário, como aquelas gaiolas em que se criam galinhas.

Carl sempre ficava triste quando a mochila ficava vazia, sinal de que estava na hora de voltar para casa. Não que não gostasse de onde morava, mas Canino nunca o seguia até lá, e não havia ninguém à sua espera, ninguém que lhe desse uma cutucada com o ombro para pedir um carinho.

Por hábito, sempre fazia o trajeto de volta passando pelo cemitério da cidade. De certo modo, saber onde o caminho terminava suavizava um pouco o terror da morte, e isso o acalmava. Um dos motivos para tal era a beleza do cemitério, com seus mais de duzentos anos de idade, em cujo centro jazia uma grande estátua que personificava a morte, um crânio que parecia debochar de tudo com sabedoria.

Abaixo da campanha de Carl havia uma placa com a inscrição E. T. A. Kollhoff. Era mentira, ou uma meia verdade, porque o sobrenome estava mesmo certo. Carl sempre admirara o escritor E. T. A. Hoffmann pelas suas iniciais. Além disso, quem mais tinha nomes com três iniciais? J. R. R. Tolkien! E, na música, Bach, inicial C. P. E. Havia algo de especial nessa combinação, muitas coisas podiam se esconder atrás das três letras. Era como se guardassem um mistério, além, é claro, de perguntar por que seus detentores não escreviam nenhum dos prenomes por extenso?

Às vezes, as cartas voltavam, porque algum novo carteiro não sabia que era Carl que se escondia atrás daquela inicial. Ainda assim, não foi motivo para que mudasse a identificação na plaquinha. Aos 72 anos, ele já não recebia mais muita correspondência. E quando chegava alguma carta, raramente era motivo de alegria; podiam muito bem voltar para o Correio Central.

O apartamento de Carl tinha cômodos demais. Quatro, além da pequena cozinha e de um banheiro sem janelas. Às vezes, pareciam canteiros em que nunca crescera nada. Em certo ponto da vida, ele imaginara que dois deles seriam destinados aos filhos: o da janela com vista para o pátio verde, para uma menina. O outro, que dava para a rua, e de onde se podiam observar os carros passando, para um menino. Carl nunca encontrara uma mulher com quem pudesse ter filhos, mas permanecera no apartamento ainda assim. O valor do aluguel não sofrera reajuste algum ao longo de todas aquelas décadas. Provavelmente, ele fora esquecido.

Sua companhia era uma família de papel, protegida da luz e da poeira por vitrines de vidro jateado. Os livros exigiam ser relidos por ele do mesmo jeito que as pérolas precisam ser usa-

das para manter o brilho, ou como os animais precisam receber afagos para se sentirem amados. Às vezes, Carl tinha a sensação de que as palavras nas páginas tinham sido feitas a partir de suas células. No fundo, sabia que na verdade fora ele quem as absorvera durante tantos anos de leituras.

Era capaz de entender quem colecionava livros como se fossem selos, pessoas que gostavam de correr o olhar sobre as lombadas, sabendo que dentro de cada um viviam pessoas com as quais se sentiam conectadas, que em cada um havia trajetórias que compartilhavam ou gostariam de compartilhar. Pessoas que se cercavam de livros como quem cria uma comunidade de bons amigos ou vizinhos.

Carl pendurou o casaco verde no gancho atrás da porta, a mochila ao lado e endireitou ambos. Depois, foi até o balcão da cozinha, onde se serviu de uma fatia de pão preto com manteiga com sal, bebeu um copo de suco de chucrute e, por fim, comeu uma maçã verde fatiada em quatro pedaços.

Muitos anos antes, o anúncio do apartamento dissera “com varanda”, mas a varanda, na verdade, se resumia a uma balastrada de ferro fundido em frente à porta de vidro duplo, ao lado de onde ficava a velha poltrona. Sobre ela havia sempre um livro, com uma notinha fiscal fazendo vezes de marcador. Dali, Carl podia avistar o Centro da cidade e ficar sabendo se um de seus clientes estava na rua ou se Canino saltitava pelos telhados. Costumava ler até às dez em ponto; depois, fazia a higiene e ia para a cama. Ao puxar o cobertor, tinha certeza de que no dia seguinte voltaria a levar livros muito especiais para clientes muito especiais.

Do alto de seus 72 anos, ainda é com bastante vigor e alegria que, todas as tardes, Carl Kollhoff sai para entregar os livros encomendados por seus clientes mais especiais. Tão fiel à tarefa quanto os ponteiros de um relógio, o livreiro da tradicional Ao Portão da Cidade percorre as pitorescas ruas da região e, como nas páginas de seus preciosos livros, observa o mundo real e seus habitantes também por uma ótica lúdica e imaginativa.

É graças a esse olhar que Carl tem a chance de trocar umas palavrinhas com um elegante cavalheiro ao estilo da Inglaterra vitoriana, um certo sr. Fitzwilliam Darcy; de solucionar misteriosos erros tipográficos para satisfazer a curiosidade implacável da sra. Píppi Meialonga; e de conhecer tantos outros clientes que habitam o limiar entre fantasia e realidade. Complexos e fascinantes como as personagens de um bom clássico, todos têm algo em comum — além dos apelidos — com seus equivalentes literários: estão presos no próprio universo. Traumas do passado e do presente, inadequação, solidão e violência são apenas algumas das grades que os aprisionam.

Mas, se cada novo volume que recebem de Carl carrega consigo uma esperança renovada de encontrarem a redenção, como ficarão essas pessoas com o livreiro prestes a perder seu emprego? Serão necessários o poder dos livros e a força do carisma de Schascha — uma menina de nove anos que se torna a improvável companheira dele — para que todos, inclusive o próprio Carl, encontrem a coragem para superar seus obstáculos e criar laços verdadeiros.

### **SAIBA MAIS:**

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1221/>

